

Secretária quer corrigir plano de atendimento

Fátima Xavier

Da equipe do Correio

Há quem diga na Câmara Legislativa que a deputada Maria José Maninha (PT) "caiu para cima" quando foi convidada — e aceitou — a assumir a Secretaria de Saúde. Mas uma coisa ninguém pode ter dúvida: o convite coube como uma luva para essa médica com 20 anos de carreira, fundadora e militante do Partido dos Trabalhadores e do próprio Sindicato dos Médicos onde fez sua carreira política.

Ela teria "caído para cima" porque se desgastou, na Câmara Legislativa, como relatora da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Drogas. A CPI pretendia comprovar o envolvimento do deputado Manoel de

Andrade, o Manoelzinho (PMDB), com o tráfico de drogas, conforme acusara o governador Cristovam Buarque. Não comprovou.

VONTADE DE ACERTAR

No início do governo Cristovam, Maninha foi um dos nomes sondados para assumir a Saúde, mas preferiu ficar na Câmara. Alegou-se na época que lhe faltava experiência administrativa, e ela terminou ajudando a indicar o médico João de Abreu para o cargo.

A deputada sabe o que a espera. Tem planos para tudo e um só desafio: "Acertar e acertar". Reconhece que assumir a chefia de um departamento, a diretoria de um hospital ou a Secretaria de Saúde é um sonho para qualquer médico.

O Programa de Reformulação do Sistema de Atendimento à Saúde (REMA), que pode ter provocado a saída de João de Abreu, foi bem implantado, na opinião da deputada, mas precisa de correção.

Maninha aponta como ponto de estrangulamento a falta de recursos humanos. Há na Fundação Hospitalar 2.700 médicos para atender quase dois milhões de habitantes, o mesmo número de profissionais que existia em 1979.

Para Maninha, o REMA deveria ter sido testado primeiro num cidade do DF antes de implantado na rede. "A partir desse teste, onde se observasse erros e acertos é que deveria ser levado para todo o DF", afirma.

"Sem o teste, orientou-se a população a procurar os centros de saúde

onde o paciente deveria ser recebido numa "sala de acolhimento" quando em muitos centros da Ceilândia, por exemplo, não há médico", observa.

Outro ponto de estrangulamento que a médica aponta é o gerenciamento da instituição com a nova figura do coordenador regional que fica acima do diretor de um hospital. Com o REMA foram criados — mas ainda não implantados — os distritos sanitários, alterando toda a estrutura da Fundação Hospitalar sem que houvesse qualquer debate sobre o tema.

"O coordenador vai formular uma política de saúde para determinadas regiões e o diretor é quem vai executar", afirma. "Acho que o João estava vivendo essa dificuldade. Mexer com essa estrutura não é fácil."

Glaucio Dettmar



Maninha: GDF tem 2.700 médicos para dois milhões de habitantes